

Rumo à "indústria do fogo"?

Roberto Smeraldi

Os índios dançaram, a floresta também. As câmeras de tevê fizeram com que muitos estrangeiros — e até mesmo alguns brasileiros — descobrissem a existência de um território chamado Roraima. Agora as câmeras já se voltaram novamente para os "Primeiros Mundos" brasileiros ou internacionais, em busca de outras catástrofes.

O fogo é a única coisa que tira a Amazônia dos documentários do canal Discovery para jogá-la nas manchetes dos telejornais. Tanto aqueles feitos em Londres para os britânicos quanto aqueles feitos em Miami para os brasileiros. Foi assim em 88-89, é assim agora. Alguém pode pensar que isso passou despercebido na Amazônia? Será que os amazônidas não se preocupam com seu próprio destino, como os habitantes de qualquer outra parte do mundo?

Ao que tudo indica, a lição está sendo perfeitamente aprendida pelo proprietário sem-lucro, pelo agricultor sem-terra, pelo assentado sem-crédito, pelo prefeito sem-caixa, pelo candidato sem-escrúpulos. Uma chama se acendia na cabeça de muita gente, enquanto a chuva acalmava aquelas do mato. O fogo pode ser

uma saída, quando se é um "sem-alguma coisa".

Uma sociedade em modernização como a brasileira terá de se preocupar com o possível advento de algo parecido com a "indústria da seca" no Nordeste. Uma nova "indústria do fogo" tende a surgir na Amazônia, alimentada por subsídios, perdão de dívidas,

compras dos últimos 3 ou 4 anos, reforçadas pela redução das chuvas em razão de El Niño, é possível prever que haverá condições favoráveis para que sejam reproduzidos em grande escala os eventos de Roraima, tanto ao longo do cinturão do desmatamento (sul do Pará, norte do Mato Grosso, Rondônia e leste do Acre) quan-

ção da exploração ilegal de madeira é portanto o primeiro fator que expõe a floresta ao fogo. O segundo é a autorização, como ocorreu em Roraima, de desmatamentos sem nenhum critério, até na hora em que os incêndios já iam se alastrando pelo Estado e as ofertas de ajuda das Nações Unidas ficavam engavetadas. O terceiro é que o fogo é a forma mais barata para viabilizar as culturas anuais em solos tropicais pobres. A falta de fontes efetivas e estruturadas de microcrédito rural acaba favorecendo o aumento no uso do fogo por pequenos e grandes produtores.

Para evitar a indústria do fogo, é necessária uma prevenção efetiva em escala local. O presidente da República respondeu às críticas do jornal *Le Monde* dizendo que as políticas do governo não têm nada a ver com aquelas do passado, que favoreciam a ocupação da Amazônia. O presidente está certo sobre as políticas. Mas será que o presidente foi informado do que ocorreu na prática?

Roberto Smeraldi é jornalista e coordenador do Programa Amazônia de Amigos da Terra

UMA "INDÚSTRIA DO FOGO" TENDE
A SURGIR NA AMAZÔNIA, ALIMENTADA
POR SUBSÍDIOS, PERDÃO DE DÍVIDAS,
COMPRA DE EQUIPAMENTOS SOFISTICADOS

compra de equipamentos sofisticados, roubos antecipados de madeira. Trata-se de uma indústria com um bom potencial, pois ela mesma poderá, por meio da mídia, se auto-sustentar. O fogo poderá ajudar a eleger alguns governadores. Poder-se-á até criar um Ministério do Fogo, uma pasta que certamente seria cobiçada por vários partidos.

Roraima representa apenas 4,5% do território amazônico. A época de seca começará, no resto da região, a partir do fim de maio. De acordo com as tendên-

to em certas regiões de colonização mais recentes ou para as quais está migrando a atividade madeireira (especialmente em certas áreas do Amazonas).

A Floresta Amazônica está mais e mais vulnerável. Até poucos anos atrás, incêndios florestais eram quase desconhecidos. Hoje, a atividade madeireira predatória e seletiva está degradando a mata nativa, e os fogos das queimadas para renovação de pasto e agricultura entram com maior facilidade no meio da vegetação. A omissão na fiscaliza-

12/4/98